

# GÊNERO E CORPO EM DEVIR: PROSPECÇÃO DECOLONIAL A PARTIR DO FEMINISMO NEGRO BRASILEIRO

## GENDER AND BODY TO BECOME: DECOLONIAL PROSPECTION FROM BRAZILIAN BLACK FEMINISM

Samarone Nunes 1

**Resumo:** Texto resultado de pesquisa exploratória que pretende localizar o trato gênero e corpo na constituição das identidades brasileiras mediados pelos escritos seminais de três feministas negras brasileiras: Beatriz Nascimento, Neusa Santos e Sueli Carneiro. No panorama discursivo observado, diferentes disciplinas organizam o pensamento das autoras tendendo a orientar abordagens argumentativas plurais sobre corpo, gênero e identidade. Ao conjunto das dificuldades clássicas derivadas do racismo estrutural, somam-se as disputas próprias do âmbito acadêmico com suas especificidades. Outro ponto é pensar classe como elemento de base, embora precise ser destacada a categoria como possível antagonista do feminismo negro. O conjunto de textos é produto da segunda metade do século XX e começo do XXI, frutos da militância e da ascensão acadêmica. A expressão e interpretações com matizamentos feministas negro para a problemática das pessoas negras no Brasil demonstra potencial decolonial. Retornar a epistemologia negra amplifica a influência da negritude desses escritos.

**Palavras-chave:** Gênero. Corporeidade negra. Feminismo negro brasileiro. Decolonialidade.

**Abstract:** This text results from exploratory research that intends to locate the gender and body treatment in the constitution of Brazilian identity (or identities) mediated by the seminal writings of three Brazilian black feminists: Beatriz Nascimento, Neusa Santos and Sueli Carneiro. In the discursive panorama observed, different disciplines organize the authors' thought, tending to orient plural argumentative approaches about body, gender and identity. In addition to the classic difficulties derived from structural racism, there are disputes inherent to the academic field with their specificities. Another point is to think of class as a base element, although there could be a possible antagonist to black feminism. The set of texts are products of the second half of the twentieth and twenty-first century, the result of militancy and academic rise. The expression and interpretations of black feminisms to the black problem in Brazil demonstrates a decolonial potential. Returning to black epistemology amplifies the influence of black of these writings.

**Keywords:** Gender. Black corporeality. Brazilian black feminism. Decoloniality.

## Introdução

Esse texto resulta de pesquisa exploratória que pretende em certa medida, localizar o trato da substância gênero e corpo na constituição das identidades brasileira segundo algumas pensadoras negras.

As pensadoras são Beatriz Nascimento, Neusa Santos e Sueli Carneiro cujo objetivo é revisitar as contribuições de cada na abordagem de categorias de conhecimento caras a Antropologia Social como corpo – tão maltratado; gênero – na moda, como sendo elementos importantes na constituição do “nós” identitário e em permanente disputa. Na constituição de cada elemento, no cerne mesmo, está o atravessamento das experiências pessoais na ocupação, operação e ascensão dentro da academia por essas mulheres negras. São também importantes como motor e substância dos escritos em análise.

Junto ao esforço concentrado busca-se por expressões e interpretações com matizamentos locais para entender a problemática multifacetada da pessoa negra na realidade complexa que é a sociedade brasileira fruto da colonialidade, visando o cultivo de epistemologias negras e periféricas na tentativa de superação da ideologia colonial. Tanto as reflexões sobre a constituição factual, transitiva e provisórias da pessoa negra, quanto a constituição do Eu hegemônico pretensamente universal, revelam-se igualmente precárias e sensíveis tanto quanto a corporeidade e subjetividades negras.

O texto nasce velho, mas não *abiã*. Não devido à ancestralidade de matriz africana evocada para sustentação dos escritos seminais de Beatriz Nascimento, Neusa Santos e Sueli Carneiro. Mas devido ao atropelo do projeto Future-se. A armadilha desse programa liberal aparece como gargalo, impedindo e dificultando os corpos marcados socialmente o acesso, frequência e ascensão na academia. Assim, quantos corpos pretos serão negativados antes mesmo da realização do desejo de exercício da vida acadêmica? O risco real é de nunca sabermos a resposta. Pelo menos, décadas de estagnação no ensino e educação é o que aponta o futuro imediato. Mais gerações de corpos negros podem estar em vias de abortar a ascensão social por meio da educação superior e conquista profissional. Devido a isso, as autoras em tela e muitas outras e outros intelectuais negros e indígenas podem continuar a ser pouco lidos e pouco estudados. Ao persistir o branqueamento intelectual, as reflexões e a imagem da intelectualidade negra brasileira, estarão sujeitas aos mecanismos de controle coloniais retardando a compreensão do Ser negro no Brasil. O programa de desmonte é o comprometimento do Estado com a clássica tutela branca e branqueada das pessoas negras e indígenas.

Porém, as demandas não cessam e algumas das ideias apresentadas aqui provêm de discussões originadas no Curso Epistemologias e Feminismos Negros no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG) – 2019/1, que muito instigou a apresentá-las. Uma das reflexões tiradas é que no panorama discursivo observado, as diferentes disciplinas que organizam o pensamento das autoras têm impacto, tendendo a orientar abordagens argumentativas plurais sobre corpo, gênero e identidade. Nesse contexto, transpassando a discussão, a ideologia racial estrutura o pano de fundo. Beatriz Nascimento, Neusa Santos e Sueli Carneiro, bradam: “*llamaran-me negro!*” por seu turno a poeta e atriz Victoria Santa Cruz. A problemática do ser negro não é prerrogativa das narrativas identitárias brasileira, mas permeia a constituição da América Latina. E é para as pessoas negras que também escrevo.

A reflexão sobre o conjunto das dificuldades clássicas derivadas de gênero e da raça que se somam às disputas próprias do âmbito acadêmico com suas especificidades. Esse é o ponto que tende a contribuir com a caduquice do texto, porém oportuno, pois as políticas de desmonte da Educação afetam diretamente o acesso e permanência da pessoa negra no ensino superior. Outro ponto reflexivo é pensar a categoria classe como elemento de base. Embora precise ser destacado a categoria “classe” como possível antagonista do ativismo feminista negro devido a seu regime especial muito devido ao racismo estrutural por um lado e do outro, a omissão do mercado globalizado.

O conjunto de textos para prospecção são produtos da segunda metade do século XX e começo do século XXI, frutos da militância, avanço e conquistas na vida acadêmica e profissionais de Beatriz Nascimento, Neusa Santos e Sueli Carneiro nas áreas diversas de educação, psicologia, história e antropologia. Textos representativos e consolidados como bibliografia básica para os

movimentos feministas e negros brasileiros.

## A Última Fronteira: Corpo - A constelação Beatriz Nascimento, Neusa Santos e Sueli Carneiro

Devo adiantar que a pesquisa exploratória não traz textos inéditos e sim, costurar pensamentos produzidos na segunda metade do século XX e começo do século XXI, resultados de reflexões na militância, na acadêmica e audiovisuais profissionais. Ainda, tal exploração não é retrato fiel das narrativas militantes pois algumas ideias expressas aqui foram colhidas em discussões no âmbito da academia. Por isso pode conter certa defasagem e parcialidades típicas do afastamento inerente às especificidades etnográfica. Por exemplo, a ideia de “folclorização” acalentada há algum tempo (desde 2015), tem sentidos restritos no debate militante, ainda que muitos dos debatedores estejam inseridos na acadêmica. Nas autoras em evidência, os sentidos aparecem diluídos ao longo dos textos de Sueli Carneiro e Beatriz Nascimento em especial. Significando que esses trabalhos detém conteúdo rico, requerendo outras visitas. Nesse sentido, imploro a boa vontade e apliquem a afro-afetividade com os acertos, ou com as divergências dessa experiência que por hora apresento.

Beatriz Nascimento, historiadora, intelectual e ativista, deixa em quem se dedica a estudar seu “rastro de luz” certo lamento pela trajetória interrompida prematuramente. Sua voz em *Ori*<sup>1</sup> é porta de acesso para conceito de quilombo. O conceito é trabalhado ao longo de alguns de seus textos e por toda a sua trajetória profissional e os presentes aqui foram reunidos pelo seu mais atilado pesquisador, o antropólogo Alex Ratts. Em *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*, o autor evoca que, a cabeça negra é a convergência de territórios em construção e ainda como possibilidade de convergência entre intelecto, memória e corporeidade. Por esse motivo a opção pelo texto *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra* (RATTS, 2006, p. 117) para aproximar da questão identitária, e *A mulher negra e o amor* (RATTS, 2006, p. 126) para pensarmos gênero.

O texto *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra* (2006), projeto vasto que não foi completado em sua totalidade por Beatriz Nascimento nos interessa, contudo, é a recuperação e realces históricos dados ao temperamento de algumas etnias e os pormenores da linguagem. O mais rentável do comércio em Angola, conta, foi a apreensão das gentes pretas da etnia *mbundu*, ao sul de Angola (NASCIMENTO, 2006, p. 118). Isso parece significar, dando conta das complexidades dessas associações, que há grupos sociais com identidades próprias e com territórios segmentados étnico-cultural e religiosamente na África pré-colonial e Aníbal Quijano (2005), por exemplo, endossa isso, equivalendo a dizer que há diferentes corpos sociais com especificidades diferentes coexistindo no período pré-colonial.

Posteriormente esses corpos serão fatiados pela mercantilização, surgimento do capitalismo e estabelecimento do processo colonial resultando em gentes escravizadas. Para Nascimento, a existência do quilombo seria estratégia de sobrevivência em terras americanas dos cativos africanos. Persiste na etnologia o misto de plasticidade *mbundu* com a combatividade dos *Imbangalas*, representados posteriormente sob o topônimo Angola-Janga e indicativo da transposição das dinâmicas africanas para o conhecido Quilombo dos Palmares, como exemplar dessa associação em solo americano.

O corpo sugerido por Beatriz Nascimento, é o corpo-quilombo como alternativa ao sistema social colonial. Tal aproximação, corpo-resistência é corroborada por Campos (2018) ao estudar Antonio Arantes e Hall. Tais autores parecem compreender essa fronteira – corpo, como último bastião antes das dimensões subjetivas.

Ao tratar da categoria intangível, [...] afirmou que os corpos humanos são o território mínimo do patrimônio cultural imaterial. [...], “o território é, em todas as acepções da palavra, uma extensão do organismo, marcada por signos visuais, vocais e olfativos. O homem criou extensões materiais da territorialidade, bem como marcadores territoriais visíveis e

1 Ano: 1989. Restauração digital: 2008. Gênero: documentário. Direção: Raquel Gerber. Fotografia adicional: Adrian Cooper, Jorge Bodanzky e Pedro Farkas. Trilha sonora: Naná Vasconcelos.

invisíveis” (CAMPOS, 2018, p. 74).

Faz sentido Beatriz Nascimento falar da mulher negra por meio da paisagem pessoal e íntima. Do quilombo material–histórico, fruto de suas reflexões reiteradas e penetrantes – dedica vários trabalhos ao tema quilombo. Beatriz Nascimento, tende a adensar o conceito, até a transfiguração plena de subjetividade alargando, a seu turno, a ideia de quilombo e território. Desse último bastião, Beatriz Nascimento fala à mulher negra como tal, se olhando e olhando outras iguais e igualmente diferentes.

No texto *A mulher negra e o amor*<sup>2</sup>, escreve Beatriz sobre o poder e o trabalho, atenta que a construção de “paridade” não é extensiva às mulheres. Em sua totalidade. Tanto os direitos de primeira, quanto os de segunda geração proposta iluminista de universalidade, não são acessíveis às mulheres. Contudo, asseguram alguns privilégios a certo recorte de gênero.

Tal recorte de gênero que usufrui da hierarquia e privilégios consolida uma, como quer dizer, “contradição histórica” (NASCIMENTO, 2006) e distópica para a mulher preta no enclave social ocidental. A mulher negra nessas relações normatizadas pretende realizar um modelo em tudo assimétrico. Pretende-se a igualdade, mas de antemão sabe não ser igual à projeção compulsória. As reivindicações da mulher negra não passa pela dualidade endógena ao sistema eurocentrado, pois,

Foi forjada no Ocidente uma sociedade de homens, identificando não só o gênero masculino, mas a espécie no seu todo. Essa perspectiva possuía um devir utópico, previa-se um mundo sem diferenças. Entretanto, ao contrário do pensamento Iluminista naquele momento processava-se a anexação de sociedades e culturas com extremas separações políticas, sociais e individuais à sociedade do europeu, através da máquina colonialista (NASCIMENTO, 2006, p. 127).

Se nesse sistema a mulher branca carece de completitude diante do Homem Universal assim constituído, nesse esquema, a mulher negra não se equipara apesar e talvez por isso mesmo, das sucessivas cargas e marcadores que atravessam o corpo do trabalho, ao homem. É delicado pensar na mulher negra enquanto gênero. Pois o gênero em trânsito compõe corpos que aparece e desaparecem continuamente. Esse processo de desaparecimento e aparecimento já identificado em certa medida nas relações de trabalho, cada vez mais se deixam notar nas relações intersubjetivas. Devo adiantar que “a inferioridade natural” é um recurso ficcional e estratégia narrativa sistêmica para controlar o corpo feminino e as pessoas negras como veremos mais adiante por uma lente decolonial.

Esse equilíbrio delicado em parte, é devido ao processo de globalização que a seu turno é corolário do capitalismo como novo marco de poder mundial que categoriza as populações por meio do conceito de raça (QUIJANO, 2005). Quijano elaborou ainda que nesse momento foi fundada uma distinção entre colonizados e colonizadores baseada na suposição de distinção biológica “estrutural” para estabelecer a ficção racial. Logo, as relações de poder assim constituídas produziram na América

identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim, termos com espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram

2 Publicado originalmente em: *Jornal Maioria Falante*, No. 17, Fev – março, p. 3. 1990.

estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população (QUIJANO, 2005, p. 117).

À mulher negra não foi reservado um lugar específico na composição das hierarquias, lugares e papéis sociais – o gênero em trânsito, carece de modelos que fogem à “massificação e serialização” das pessoas que como se sabe, no caso da mulher negra é um modelo eurocentrado. A ideia subjacente, parece sugerir que o corpo feminino negro poderia ser substituído com folga pelos corpos da mulher branca ou pelo corpo masculino negro. O episódio da disputa “capital-trabalho assalariado” na fábrica automobilística emoldurada por Kimberlé Crenshaw (2002) reforça essa ideia de deslocamentos e invisibilidades estruturais que irão compor as fundações da base e para além da pirâmide social. Na hierarquia racial que sustenta a contradição histórica e distópica de exclusão, o corpo negro feminino aparece e desaparece pontualmente.

Essa invisibilidade é cultivada institucionalmente. Gislene Santos, por outro lado, nos conta que é fomentada uma ideologia que responsabiliza à baixa formação ou qualidade da educação, imputa a questões históricas e em outras situações, às questões econômicas para o estar e não estar, para o desaparecimento do corpo negro feminino (SANTOS, 2015) do extrato social.

As instituições são estruturas que estabelecem padrões, papéis e modos de relação entre os indivíduos, são convencionadas e aceitas por “todos” e, por isso, de certo modo, são responsáveis por transmitir e por garantir que os indivíduos conheçam e reproduzam as normas sociais. Família, escolas, universidades, igrejas, o próprio Estado, partidos políticos, no vocabulário sociológico corriqueiro, são os exemplos mais comuns e sempre citados de instituições (SANTOS, 2015, p. 154).

Significando ainda, continua Gislene Santos, como ideologia modelando as esferas públicas e privada, o racismo institucional é o que assegura por meio da exploração simbólica e material dos negros a ordem social vigente.

Na colonialidade o corpo negro feminino foi pensado para o trabalho. O corpo feminino branco, para o repouso. Enquanto um repousa, o outro trabalha. Quando o corpo feminino se organiza para reivindicar o lugar do trabalho, fazia tempo que o corpo negro trabalhava. Deve-se frisar que o “trabalho” reivindicado pelo corpo branco feminino não é de mesma “qualidade” reservado aos corpos negros. É ordinariamente trabalho intelectual e de mando.

Por fim, nos casos em que a mulher negra “escapa” às condições de opressões, múltiplas cargas e carências, o potencial individualista angariado pelo esforço desprendido solitariamente dificulta, quando não, impede a atração ao outro/a pessoa negra nas relações intersubjetivas. De toda sorte, a dependência ou independências conquistadas são limitadoras do exercício de gênero nesse contexto, ainda que se refira estritamente às relações heterossexuais.

A visão de Beatriz Nascimento para o gênero “mulher negra” constituída em ambiente sem referências positivas consolidadas, por outro lado, desequilibra o conceito de quilombo a meu ver. Pois quilombo se constitui como alternativa aos sistemas vigentes em que a individualização duramente conquistada, “fortalece os estereótipos que depreciam o grupo ao qual nega e recusa sua pertinência” (SOUSA, 1983, p. 37), por ser exceção, ou pelas sucessivas jornadas de trabalho, coloca a politizada “mulher preta”, dinamo cultural e social, como projeção - devir. De fato a realização da mulher preta quilombo é o ideal de ruptura do *looping* infinito demandado por padrões estéticos, sexuais, afetivos e de poder racializados filtrados pela matriz eurocêntrica.

Tais padrões – que realmente é um único padrão, plástico o suficiente para se adequar e retroalimentar segundo as expectativas individuais é *fetiche*. Para Neusa Santos Sousa em *Tornar-se negro*, livro corajoso e escrutínio psicanalítico do feitiço lançado pelo colonizador ao longo de processo com mais de quinhentos anos de apagamento e silenciamento do qual somos todos resultados.

Ele (o Livro) é um olhar que se volta em direção à experiência

de ser-se negro numa sociedade branca. De classe e ideologia dominantes brancas. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas. Este olhar se detém, particularmente, sobre a experiência emocional do negro que, vivendo nessa sociedade, responde positivamente ao apelo da ascensão social, o que implica na decisiva conquista de valores, status e prerrogativas brancos (SOUSA, 1983, p. 17).

É pagar o preço por uma identidade adquirida na superfície alienante. Ao que parece, Neusa Santos no capítulo Narcisismo e Ideal do Ego, por se balizar no modelo disciplinar da psicanálise a qual é devota incondicional, comete equívoco (contudo compreensível, uma vez que está operando com a Psicanálise e os limites disciplinar, como dito, são determinantes em sua trajetória pessoal)<sup>3</sup> ao eleger o mito de Narciso como modelo para constituição do Ego negro.

Reza o mito que Narciso se perde na “própria” imagem e afoga ao se enamorar do reflexo na superfície da água. Como entendemos, o negro não se constitui inteiramente enquanto imagem no qual é possível se perder, ou na melhor das hipóteses, mergulhar de vontade própria. O negro se perde quando deseja uma imagem que presume constituir a branquitude do outro<sup>4</sup>. Mas essa branquitude, melhor, os privilégios da branquitude são inalcançáveis. Frantz Fanon examina aspectos disso com atenção no trabalho *Pele negra, máscaras brancas* (2008).

Ainda que nesse caso, talvez fosse capaz de condensar e explicar as dissociações vividas devido ao “defeito” de origem, ao qual desejamos romper, avançaríamos mais caso elegêssemos um mito entre as nações autóctones amefericana (GONZALEZ, 1984), ou uma narrativa híbrida assumidamente localizada que pudesse ser capaz de quebrar ou reconciliar a imagem e o espelho.

A construção e aquisição do corpo negro já estão dadas. É anterior a percepção de identidade como pensamos hoje e aos modelos que tendem a reforçar a imagem espectral embalada em “alvos” invólucros pseudo positivos. O Narciso negro vê uma coisa, mas o reflexo mostra o Outro. O modelo narcisístico, suficiente para explicar a constituição do Eu hegemônico, tende a fatigar o ego negro.

Eu hegemônico, é o vocativo convocado por Sueli Carneiro (2005) para manejar em sua tese esse que é o herdeiro direto das políticas colonialistas. Como mulher negra, constituída na dor partilhada devido à subalternidade que equiparou negras e negros na feminilização hierárquica que sustenta esse “Ser branco” bem nutrido desde a Colônia pelas amas de leite pretas. Na apropriação do mito edipiano, podemos pensar, a mãe de criação onipresente na vida da criança branqueada sugere um descompasso em sua constituição identitária também. O “Édipo” branqueado tem sua iniciação sexual com as mucamas, tanto no passado quanto no presente imaginado e prefigurado na doméstica. Qual a cor da Jocasta em disputa épica?

No artigo *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*, Sueli Carneiro (2001) tece considerações importantes sobre a textura gênero e suas especificações fazendo ver os pontos de convergências entre a militância geral e os movimentos feministas negro. Contudo desempenho de gênero para além do recorte cis, é tendência ausente das reflexões. Critico se a perspectiva heterossexual é a única válida a sustentar os abalos propostos pelos feminismos negro. Às marcas enumeradas por Sueli Carneiro, não poderiam ser agregadas novas tais como as relações lésbicas, os corpos travesti ou trans, ou quaisquer possibilidades outras de corpo ou afetos que não estejam circunscritos pela dualidade fixada pela normativa judaico-cristã e com isso pretender ampliar o leque de possibilidades do movimento?

A enérgica Jurema Werneck (2009) ressalta, apontando algumas das estratégias em curso, o tempo inteiro, para assim permitir a assimilação e reduzir a potência dos discursos anti hegemônicos. Imagino que driblar ou minimizar pontos de convergências entre a militância em geral, os movimentos feministas negro e outros movimentos cujo denominador comum seja a negritude ou a subalternidade é,

3 Em entrevista a Lazaro Ramos no Programa Espelho no episódio Trilogia da Mente, Neusa Santos é enfática quanto a isso. Rede Brasil (2009).

4 Gritaram-me negra, poema musicado de Victoria Santa Cruz vocaliza sobre a perspectiva de branquitude e a apropriação da categoria negro, pela negra.

constatamos que a exclusão da presença das mulheres negras (a exemplo das mulheres indígenas e de outras pessoas e grupos) dos relatos da história política brasileira e mundial, e da história do feminismo, deve ser compreendida, principalmente, como parte das estratégias de invisibilização e subordinação destes grupos. Ao mesmo tempo em que pretendem reordenar a história de acordo com o interesse dos homens e mulheres branc@s. O que permite apontar o quanto esta invisibilização tem sido benéfica para aquelas correntes feministas não comprometidas com a alteração substantiva do *status quo* (WERNECK, 2009, pp. 161-162).

Ainda não se discutiu, por exemplo, as possíveis performances de gênero para o corpo negro na colonialidade. Isso poderia ser tomado como uma das estratégias de silenciamento de pessoas e grupos como apontado por Jurema Werneck (administração anterior e para além do feminismo negro), ao revitalizar o papel heterossexual como essencial aos feminismos reativa a subordinação de pessoas e grupos.

As violências ao qual o objeto negro foi sujeito, são amplamente referenciadas, a ponto de, depois, fundir o conceito de dororidade por Vilma Piedade (2017). Os estigmas presentes denotam que tais dores, inda nos engendra, são atualizadas, assumindo outras dimensões, intensidades, conformando corpos/objetos ou grupos, no presente e passado indistintamente.

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão (CARNEIRO, 2001, p. 1).

Sueli Carneiro opõe com destreza, categorias mulher branca e mulher negra, não em raias competitivas, mas enquanto especificidades que promovem a necessidade de olhar particularizado no intuito de obtenção de reparações reais ou aquisição de cuidados básicos tais como de saúde e marcos legais adequados.

E quaisquer reparações ou suturas – presentes e futuras, visando superação de tais violências físicas, psíquicas e simbólicas orquestradas por agentes públicos devido ao racismo estrutural - de saúde, por exemplo, Carneiro observa pela unificação e não segmentação, ressaltando o respeito as particularidades físicas e políticas que o momento exige dos corpos derivados. Como diz:

Ser negro sem ser somente negro, ser mulher sem ser somente mulher, ser mulher negra sem ser somente mulher negra. Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero. Esse é o sentido final dessa luta (CARNEIRO, 2001, p. 5).

No que se refere as identidades que constituem a debilitada sociedade nacional – Lélia Gonzalez (1984, p. 224) nos conta que “para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira”, por isso é preciso aprendermos a localizar e reconciliar com a parcela de pessoas negras que constituem o espectro nacional. Por outro lado, o corpo/devir se encontra no árduo trabalho de abandonar, senão encarar criticamente a imagem distorcida pelas narrativas insidiosas e branqueadoras que promovem bifurcações nas subjetividades e dificultam a realização do corpo negro em corpo quilombo, promovendo o armistício consigo mesmo. Mente sã, corpo são resultam em sociedades saudáveis e menos desiguais propunham os gregos, pais do mundo ocidental.

Pensar classe como categoria de entendimento dos movimentos feministas negros segundo características próprias, é pensar classe como elemento de base, embora precise destacar tal categoria como possível antagonista do feminismo negro global devido ao regime especial no

qual se insere as corporeidades negras. Como ressaltado anteriormente, mas invisível para muitos ainda e durante muito tempo, é a discrepância que a labuta dos feminismos evidenciam. A categoria classe no jogo, por exemplo, é ser dispositivo de nivelamento entre o Eu hegemônico e sua contra parte feminina branca – Para o feminismo oriundo dessa assimetria, é uma questão de equiparação de privilégios. Porém, quando comparada com o feminismo negro a invisibilidade e os dispositivos de acesso são tão severos que o desenho assimétrico prende os corpos negros, negras principalmente, para além da base que sustentam os privilégios do “casal originários”. Logo, trabalho e classe enquanto categorias ou conceitos históricos possuem significados e aplicações diferentes para corpos negros e corpos brancos.

O deslocamento radical na estrutura social eurocentrada inviabilizou durante muito tempo o corpo negro fêmea – concessão do feminismo pelo viés biológico, ao criar um nicho na base da pirâmide das carências sociais servindo para alimentar privilégios nos andares acima.

Há-se que enegrecer os conceitos e categorias como demonstrou ser possível Vilma Piedade (2017), ou Gonzalez. Feito isso, podemos traduzir com maior fidelidade as narrativas que nos transpassam enquanto corpos em trânsitos. E isso poderá acontecer caso o acesso à esfera acadêmica aconteça de maneira contínua, crítica e descolonizada. Logo pois, ao conjunto das dificuldades clássicas derivadas de gênero e da raça, somam-se as disputas próprias do âmbito acadêmico com suas especificidades.

O destaque dado à intelectualidade negra de precária inserção no mundo acadêmico deve-se a necessidade de entender esse espaço como mais uma frente onerosa, já que o investimento das pessoas negras e outros intelectuais periféricos, carecem de reconhecimentos devidos (RATTS, 2006). Um problema despontado nas elaborações textuais é a oneração para além do laboral quando negros e principalmente negras ousam pretender ocupar espaços no campo acadêmico.

Aqui, o fato de que o trabalho do negro tenha sido, desde os inícios da história econômica, essencial à manutenção do bem-estar das classes dominantes deu-lhe um papel central na gestação e perpetuação de uma ética conservadora e desigualitária. Os interesses cristalizados produziram convicções escravocratas arraigadas e mantêm estereótipos que ultrapassam os limites do simbólico e têm incidência sobre os demais aspectos das relações sociais. Por isso, talvez ironicamente, a ascensão, por menor que seja, dos negros na escala social sempre deu lugar a expressões veladas ou ostensivas de ressentimentos (paradoxalmente contra as vítimas) (SANTOS, 2000, s/p).

Como diz Milton Santos (2000) “tanto faz ter subido ou não na vida”, os encargos da cor serão debitados pela sociedade racista. E como a academia é fruto desse sistema, ou seja, não é alienígena na sociedade brasileira. Na academia opera os mesmos princípios que regem a sociedade como um todo.

Dessa forma, sobrepesam na corporeidade de negros/negras e outros grupos raciais ou étnicos, com maior ou menor tolerância, os princípios racistas que dificultam a visibilidade dos produtos derivados do pensamento desses. A individualização – marca da branquitude, quando adotada indiscriminadamente pelos racializados acabam sendo tidos e havidos como muito competitivos/as, emocionais, inconformados/as ou ressentidos/as.

Pouco se apercebe o neófito na corporeidade negro/negra que no campo minado que irrompe por meio do sistema universal ou de cotas, presenças e permanências são comercializadas como índice de melhoramento para ranqueamento produtivista que por sua vez, tenciona o jogo de influências entre centro e periferias. E o que poderia ser problema da branquitude acabou adotado como expressão de identidade negra.

Por essa via sinalizada por Milton Santos, vejo o fenômeno de ventriloquação como adoção cultural das referências “ética conservadora e desigualitária” das classes dominantes por pessoas negras e indígenas. Expressando contraditoriamente, o lugar e a impossibilidade de realização do corpo negro-devir aquilombado porque, ainda que a corporeidade e a individualidade sejam atravessadas pelos diversos marcadores, o pensamento e engajamento expressos são previamente

filtrados e autorizados pelas classes dominantes em virtude de seus interesses ordinários.

No que diz respeito aos direitos e cidadania ainda não realizados, nesse sentido, penso em corpo devir por entender que permanecemos fixados em um tempo de transição, em *looping* na colonialidade. A via de escape sugerido para isso, é a adoção das ideias inovadoras tais como corpo aquilombado, Améfrica, pretuguês, dororidade e outras categorias que dêem conta do tempo presente.

### **Algumas conclusões possíveis**

As pensadoras em tela, Beatriz Nascimento, Neusa Santos e Sueli Carneiro, mais o que se arregimentou complementarmente, levam a crer que coexistam diferentes categorias de corpo (corporeidade) sendo acionadas nos escritos. Não obstante, entrever o domínio que mantém na dissecação dos seus objetos, nem sempre são positivas as representações de corporeidade nessas reflexões. As narrativas para o ser negro são compostas devido aos modelos eurocentrado que remetem a reflexos distorcidos para o Eu diafórico, em constante migração pelos tropos e territórios subjetivados pelo Eu hegemônico.

Pontos de contato em seus pensamentos e escritos apontam confluências epistemológicas com diálogos, alguns latentes, outros bem marcados são constantes: o feminismo negro, o corpo negro fêmea, a mulher branca e a mulher negra, o trabalho e a necessidade de ascensão social por meio do estudo e a língua é o território a ser ocupado. A reivindicação máxima é o da mulher negra enquanto geratriz e criadora de uma paisagem fecunda e permanente.

A engenharia posta em marcha para construção de uma corporeidade brasileira dócil as necessidades dos entrepostos hegemônicos nacionais nos séculos XIX e XX, deixou resíduos, “rugosidades” até, difíceis de homogeneizar. O corpo/objeto prefigura o corpo biológico/preto como categoria sinônima. No fluxo persiste embaralhado a compreensão das pessoas de matriz negra pelo corpo original preto que pode vir a constituir a amefricanidade. A colonialidade é sede da engenhosidade racial e hoje é tornada imprestável devido à dificuldade de fixar identidades singulares ou plurais positivas. O que requer uma crítica ou epistemologias que dêem conta de superar o modelo colonial.

As autoras participantes desse momento se esforçam para romper, senão trincar as cascas que aprisionam o ser/estar negro. Para isso, lança mão de reflexões psicanalíticas, ensaios linguísticos e audiovisuais para afastar as diversas camadas que afetam o contingente social brasileiro. Com isso somos brindados com laivos certos sobre nós mesmos ainda que a trajetória dos pensadores negros brasileiros seja marcada pela sublimação fugaz.

Trouxe de Beatriz Nascimento esboço do que seriam temperamentos de dois grupos sociais de pretos pré-coloniais como senhores de uma corporeidade e identidades próprias e distintas. Ainda assim, não obstante os processos de esquecimentos compulsórios em voga, contribuíram por diversas vias – carnaval, religiosidades, agremiações, estética, violência e dor, no amálgama para diversos conceitos que aparecem manejados nesse texto. Talvez isso também seja resistência ou talvez seja ancestralidade manifestando incômodo sob a capa de violência, esquecimentos e dor que nos infringem.

Por outro lado, os feminismos negros representados pela constelação deixam de tratar de outras performances de gênero em seus escritos. Possivelmente pelo momento histórico – não estava em voga determinadas discussões; a parcialidade da presente exploração; ou deslocamentos periféricos que modelam nossas territorialidades subjetivas inescapáveis.

Sueli Carneiro procura suturar os movimentos negros e feministas apresentando a via militante como alternativa, mas ainda assim, outros corpos, outras identidades desaparecem sombreadas pelo modelo heteronormatizado. Isso pode ser tomado como uma das “armadilhas” estratégicas de silenciamentos inconscientes de pessoas, ou grupos. Possivelmente pela trajetória dessas mulheres, ou ainda por questões próprias das operações dos feminismos ao qual se filiam e foge a vontade individual.

Outra abordagem que permitiu entrever possibilidades a busca de outras fontes para exercitar o escrutínio da ancestralidade que, tanto para o bem quanto para o mal, nos estruturam. Os povos autóctones e amefricanos possuem rica cosmogonia passível de acionamento para

abordagens dentro das especificidades apresentada pelo conceito de Gonzalez e apontam para a necessidade de descolonização das disciplinas psicologia e psicanálise. Se não, expor a criatividade na construção de modelos lógicos regenerativos que permitam sustentar leituras equiparáveis com nossas identidades distópicas necessitadas de suturas e narrativas positivas.

Arquétipos de Narciso e Édipo, manejados de mais ou de menos por essas pensadoras foram revisitados para, a partir daí, sondar modelos condizentes com nossa estruturação subjetiva forjada pela violência e dor coloniais. Por um lado, a narrativa narcisística está ancorada em um modelo de aparência individualizada, no jogo de negação e confirmação pelo reflexo incontornável do corpo negro. Tal reflexo confunde o “ego negro”. Do outro lado, a tragédia edípica estrutura modelo de identificação sem paralelo com a formação do modelo colonial paterno. É razoável pensar que a “psique” negra não se organiza segundo um arquétipo sacro aristocrático grego-vitoriano, mas de resíduos e bifurcações.

Outro ponto tratado foi pensar classe como basilar, embora precise ser destacada a categoria como possível antagonista do feminismo devido a seu regime especial no qual o corpo devir está inserido. Salta aos olhos hoje, mas invisível para muitos ainda e durante muito tempo a discrepância que a luta dos feminismos evidenciam devido à condução capital-trabalho assalariado no mundo globalizado. Por isso, sem considerar a especificidade das pessoas negras, a invisibilidade e como os dispositivos de acesso tendem a severidade retardando enquanto gargalos estreitos, processos de ascensão social, por exemplo, ou de afeto.

Há-se que aquilombar conceitos, categorias e principalmente o campo acadêmico, já que tanto o campo, quanto as categorias conceituais possuem propriedades de tradução com maior ou menor fidelidade narrativa que transpassam os corpos em trânsitos. Compreendo que o acesso a esfera acadêmica acontecerá caso o volume crítico tencione de maneira contínua e descolonizada. Cuidando para que a tendência de ventrilocar os interesses do Eu hegemônico estejam sobre controle, pois, desavisadamente estratégias de automatismo são arregimentadas para o corpo/devir agir como corpo/colaborador dos processos de racialização e assim, protelando a realização do corpo/sujeito e também como remédio contra as disputas assimétricas próprias da acadêmica.

Foi dado destaque à intelectualidade negra devido à precária divulgação no ambíguo mundo acadêmico. Para o suporte secundário, nesse caso optou-se por e principalmente mulheres negras e homens negros. Querendo entender esse espaço de intelectualidade como mais uma frente onerosa mesmo com os altos investimentos dessas/desses e outras/outros intelectuais em suas trajetórias pessoais. Ainda assim, carecem de reconhecimento. Devido a limitações pude lançar mão para compor a bibliografia complementar de autores brancos. Nesses casos especiais, por gentileza exercitem o afro-afeto.

## Referências

CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de. Os conceitos de lugar e território na composição do Patrimônio Cultural: Quilombos e terras indígenas na Constituição Federal brasileira. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. xx-xx, jul./set. 2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação. USP. 2005.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **LOLA Press** nº 16, novembro, 2001.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspecto da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1. UFSC. 2002.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244. 1984.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. In: RATTI, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. 2006.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTI, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. 2006.

PIEDEDE, Vilma. **Dororidade**. Editora Nós. São Paulo. 2017.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. Em: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires – Argentina. 2005.

RATTI, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. 2006.

RATTI, Alex. Trajetórias intelectuais negras: as rotas de Beatriz Nascimento **Revista PUCviva**. Ano 7. Nº. 28, out/dez, p. 76-81. 2006.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Racismo institucional: uma análise a partir da perspectiva dos estudos pós-coloniais e da Ética. **Ensaio Filosófico**, Volume XI – Julho/2015.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. **Folha de São Paulo**: Publifolha em 07/05/2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0705200007.htm>.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Col. Tendências, v. 4. Edições Graal, Rio de Janeiro. 1983.

WERNECK Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. In: **Vents d’Est, vents d’Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux** [en línea]. Genève: Graduate Institute Publications, 2009.

Recebido em 15 de outubro de 2019.

Aceito em 1º de novembro de 2019.